



Debate da apresentação de Estela Kaufman Fainguelernt¹

Circe Mary Silva da Silva Dynnikov

Estela Kaufman Fainguelernt

Irineu Bicudo

Nelo da Silva Allan

Roberto Ribeiro Baldino

Marcelo de Carvalho Borba

Circe: Numa das definições que você apresentou, o problema da representação aparece como sendo o problema epistemológico. Você tomou Frege, que separa conceito como operação lógica, e porque quem representação é mais liberta, pois não remete a uma denotação e, portanto, a um referente. Husserl, na fenomenologia, já usa representação para designar tanto o subjetivo como o objetivo, não distinguindo conceito de representação. Esta questão da representação tem não só desdobramentos epistemológicos, mas como o problema da máquina...

Estela: Na máquina ela pode até ter associação livre, desde que o menino domine um certo número de mecanismos para poder trabalhar. Esta representação, que é um processo dinâmico de associação livre, é que tem que nos dar uma volta de como nós estamos fazendo quando aprendemos alguma coisa. A representação é um processo dinâmico, mas ela tem que existir junto com a percepção, e daí nasce a linguagem, as diferentes linguagens, gráfica, da música, da Matemática, se vocês quiserem. Agora, todas estas devem ter uma significação para que o conceito possa ser construído e assimilado; nós vamos construir este conceito que é um pensamento, e dominando um determinado número de conceitos; comparando aquilo que sabemos com aquilo que percebemos, representando estas novas coisas, comparando por diferenças e semelhanças, formamos novos conceitos, e assim vamos caminhando.

Irineu: Você esta interessada na representação do conhecimento ou na formação de conceitos?

¹ Digitalizado por Gustavo Barbosa e Paulo Roberto Vargas Neves.

Estela: Nos dois. Mas eu acho que a representação do conhecimento, a imagem para poder construir o conceito, é a grande arma que temos para entender um pouco mais a máquina e entender um pouco mais o ser humano, no sentido de poder evoluir...

Nelo: Um artesão egípcio, ele tinha noção de simetria? Aquele que fazia aqueles desenhos repetidos?

Estela: Ah, tinha!

Nelo: Mas ele tinha noção de translação?

Estela: Eu não sei se ele tinha a noção, mas ele tinha a representação. Eu não sei se ele tinha o conceito, mas ele tinha intuitivamente, sim; tinha a intuição e até a percepção que ele podia representar.

Nelo: Mas essa noção de translação de que estamos falando envolve a noção de plano infinito, e eles não tinham essa noção, ou parece que não tinham.

Estela: Eu não sei te responder, garantir que tinham ou não tinham... o que eu sei é que eles tinham todo um processo de trabalho, e intuitivamente tinham a noção de translação através das representações que eles faziam.

Irineu: Eu acho que esse não é bem o ponto; no máximo o que pode acontecer é que existem duas abordagens diferentes do mesmo problema. O artesão egípcio chegou a simetria por um caminho, e um outro caminho possível para se chegar à simetria é a translação. Muito possivelmente haja outros caminhos.

Estela: Veja, representações diferentes para chegar ao mesmo conceito...

Irineu: Claro.

Estela: A riqueza e a criatividade é você analisar todas estas diferentes representações.

Nelo: Realmente o que eu levantei é que uma delas é a do artista, do artista egípcio até árabe, e outra representação é a do pessoal que estudou cristalografia, e essa daí é diferente, realmente, e mais profunda. Não sei se mais “profunda”, mas muito mais técnica, muito mais... aí saiu o conceito matemático, ele olhou lá e viu “isso aqui se comporta dessa maneira”, então eu crio um conceito matemático...

Irineu: Eu tenho impressão... a simetria de fato é uma coisa que está no mundo, basta abrir os olhos e ver, não é? Está na gente, não é? Eu acho que o Gregory Bateson faz uma exploração, creio que no livro “Mente e Natureza: uma unidade necessária”, tenho impressão, que ele faz uma exploração do conceito de simetria dum ponto de vista epistemológico bastante geral, explorando vastamente este conceito de simetria, e a implicação disso para

várias áreas do conhecimento. Quer dizer, o conceito de simetria é um conceito importante... como eles chegaram lá... muito provavelmente não foi translação...

Estela: ... os matemáticos botam isso sob forma de matrizes, de funções, de transformações do \mathbb{R}^2 em \mathbb{R}^2 , estudo dos gregos... realmente aí já é a abstração matemática. Mas tudo isso são formas diferentes de representar e chegar à conceituação.

Marcelo: Eu queria mudar de rumo um pouco... Houve uma citação que você fez, sobre representação como armazenamento, armazenagem, etc., e me pareceu uma coisa muito simplista, especialmente para uma pessoa trabalhando só com computadores, como se a representação não fosse também uma forma de transformar o que está sendo representado, e como também a própria mídia que está sendo usada para aquela representação, de um diagrama de Venn, etc., as possibilidades que você tem num meio de computador, no quadro-negro, como isso não vai alterar toda a relação que tem não só naquela representação, como naquele que está interpretando, “interagindo” – entre aspas porque interagindo na minha cabeça é entre duas pessoas...

Baldino: Exatamente nesse ponto aí, do mundo que vai ser representado e o mundo das representações, e eventualmente de uma relação entre eles. A dificuldade é a seguinte: digamos que a gente parta para examinar este mundo que vai ser representado; então estou aqui, tentando representar alguma coisa que está fora de mim. Mas é o mundo. Ora, quando dou um zoom sobre isto, digamos que eu bata num espelho - neste mundo tem espelho; eu bato neste espelho e aí o que é que eu vejo? Eu vejo, no mundo, a mim, que estou fora dele querendo representá-lo. Esta para mim é uma dificuldade, estas duas coisas que estariam separadas para que eu pudesse relacioná-las, porque só posso relacionar o que é distinto. Como é que esta representação, de algo que já está posto, na realidade está dentro desta coisa que está sendo representada? Talvez a saída para esta dificuldade seja definir a representação não a partir de um ser preexistente, seria dizer “a representação é uma atividade” e então é a atividade de representação que dá sentido ao representante e ao representado. Aí você muda tudo, aí não tem mais a separação...

Estela: Tem uma outra coisa: você tem uma representação externa e uma representação interna. Mas a representação externa volta; você vê no exemplo do espelho que ela se reflete no que você processa dentro da sua cabeça, não necessariamente dentro do espelho. Tem o representar, na cabeça, daquilo que foi representado externamente. Estas variedades de forma da representação é que é a riqueza do aprendizado, você poder, no mínimo, conseguir entender. Ou tentar interpretar. Na verdade o espelho é a tua própria

cabeça. Essa riqueza, esse ciclo, é o que faz com que nós vamos apreendendo e entendendo e conceituando... conceituando... quer dizer, aprendendo... a definir e a evoluir.

Circe: Eu acho que a questão do mundo representado e do mundo da representação fica no nível da questão do sujeito do enunciado e sujeito da enunciação. A criança chora e se diz “está com fome, vamos dar uma mamadeira”, mas este é o sujeito do enunciado do outro, porque pode ser que eu não esteja com fome... Agora esse mundo representado, que mundo e esse? é um mundo que está nos rodeando? Não existe percepção pura, o que existe, eu acho, é representação. Agora, quando começa a ação de representar – e aí eu faria uma analogia com a ação de enunciar – já ocorreu toda a atividade de substituição livre, associação livre, e essa representação é de cada um.